

**MEMÓRIAS DE EDUCADORAS DO MUNICÍPIO DE MAMANGUAPE:
um olhar sobre os cadernos escolares**

Francymara Antonino Nunes de Assis - UFPB
francym@terra.com.br

Dayana Caroline Silva Santos - UFPB
dayana_caroline52@hotmail.com

Daiana Mariano da Silva - UFPB
daianapazebem@hotmail.com

Maria de Fatima Macedo dos Santos – UFPB
Fatima.macedo79@yahoo.com.br

Resumo

Esta pesquisa apresenta uma abordagem das narrativas sobre a trajetória de vida e profissional de educadoras da rede pública do município de Mamanguape, bem como sobre um caderno de planejamento das referidas professoras. As narrativas que compõem este artigo são resultantes de entrevistas realizadas nos meses de abril e maio de 2012. O objetivo é analisar, por meio de relatos orais de vida e dos cadernos de planejamento, saberes e práticas educativas das educadoras em destaque, com ênfase no que foi lembrado sobre a trajetória de vida e atuação docente. Para tanto, utilizamos as contribuições teóricas da nova história cultural, na perspectiva do enfoque da vida cotidiana, e a orientação metodológica da história oral de vida. A apreciação de suas falas e do caderno planejamento permite desvelar, mesmo que de forma parcial, um conjunto de saberes originados de vários momentos da trajetória de vida das educadoras.

Palavras-chave: Educadoras; Memória; Práticas educativas.

Considerações iniciais:

Durante muito tempo a história foi contada por homens, no entanto, na contemporaneidade, há um grande interesse em se pesquisar as mulheres como participantes da história.

Esse debate foi possível graças à revisão da produção historiográfica, realizada especialmente por historiadores da nova história cultural. A partir dessa análise, sinalizou-se a necessidade de serem incorporadas novas fontes para um conhecimento historiográfico mais abrangente da realidade (Burke, 1992). Nessa perspectiva, a recuperação da memória feminina é uma questão fundamental na escrita da história, seja porque permanecem como um grupo que historicamente não foi investigado, ou porque compõem um grupo social que continua a sofrer diversas formas de opressão e de exclusão.

De acordo com Batista, (2002, p.239), [...] relatar o vivido traz a incumbência de assumir que a memória traduz significados e condições socialmente determinadas que se imbricam e possibilitam delinear uma história que é pessoal e, dialeticamente, coletiva.

Com este entendimento, neste artigo desvelam-se histórias da profissionalde educadoras do município de Mamanguape, assim como as relacionadas com as representações, os saberes e as práticas das educadoras, situações imprescindíveis para o entendimento de seus fazeres pedagógicos.

A esse respeito, Goodson (1992, p.75) afirma que:

Os estudos referentes à vida dos professores podem ajudar-nos a ver o indivíduo em relação com a história de seu tempo, permitindo-nos encarar a interseção da história de vida com a história da sociedade, esclarecendo, assim, as escolhas, contingências e opções que se deparam ao indivíduo.

Desse modo, a relação entre memória, histórias de vida e ensino vêm se consolidando como uma das vertentes de estudo no campo pedagógico, particularmente a partir da construção de trajetórias de vida pessoal, aliada à formação pedagógica, como subsídio para a compreensão da subjetividade na instância dos condicionamentos e práticas educativas.

Nessa perspectiva, a análise das histórias de vida permite revelar a ideia de que as práticas educativas são construídas por meio de representações e saberes que são organizados não apenas nos cursos de formação, sofrendo influência de todo o percurso da vida familiar, escolar e profissional dos educadores. Portanto, os estudos que se utilizam das histórias de vida de professores conseguem captar muitas das representações que subsidiam as práticas docentes, permitindo identificar a lógica pedagógica e as influências que contribuem para a formação profissional.

Neste momento pretendemos, a partir das narrativas das educadoras e da investigação de um caderno de planejamento referente ao terceiro ano do ensino fundamental, datado de 2001, compreender parte do percurso da trajetória escolar, a singularidade de seus itinerários pessoais, buscando também refletir sobre as práticas de memórias femininas, as práticas de memória docente e a cultura escolar no período estudado. As narrativas que compõem este artigo são resultantes de entrevistas realizadas no período de abril a maio de 2012. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, e seguiu um roteiro previamente definido.

Narrativas de vida e cadernos de planejamento: fontes de informações sobre o cotidiano escolar

Neste trabalho propomos a utilização das narrativas sobre o cotidiano escolar e a análise de um caderno de planejamento das educadoras participantes da pesquisa como objeto de estudo e fonte para a escrita da história da educação da Paraíba.

As narrativas fornecem pontos de apoio para o trabalho historiográfico, seja no sentido mais amplo de informá-lo sobre seu objeto de estudo ou sobre a conjuntura pesquisada, seja no sentido de, até mesmo, fornecer-lhe problematizações e perspectivas de análise. No caso do presente estudo, as narrativas serão utilizadas, sobretudo, para o resgate da pessoa do educador na sua história de vida. A história de vida pode ser considerada um relato autobiográfico no qual a escrita (que define a autobiografia) está ausente. Na história de vida, é feita a reconstituição do passado pelo próprio indivíduo, sobre o próprio indivíduo.

Nesse percurso, pretendemos, através da recuperação da memória feminina e das experiências de vida, enunciar algumas possibilidades de leitura acerca das relações pedagógicas e dos processos de formação escolar das educadoras.

O desenvolvimento desse trabalho implica inevitavelmente na busca da compreensão do conceito de memória. Este esforço se justifica, pois a história oral tem

como suporte as lembranças, evidenciando uma memória coletiva. Esta última pode ser entendida como somatória de experiências individuais passíveis de serem utilizadas como fontes históricas.

Concordamos com Maurice Halbwachs quando afirma que lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje. Não conhecemos o passado tal como foi porque o tempo transforma as pessoas em suas percepções, ideias, juízos de realidade e de valor. A partir dos estudos de Halbwachs, que apontam o caráter coletivo da memória e assim lhe atribui uma função social, é que se torna possível colocar a questão memorialista sob o ponto de vista histórico-sociológico. Esta reconfiguração permite reavaliar e apresentar o depoimento oral como fonte para o historiador.

Assim, as histórias, com as facetas social e pessoal das educadoras entrevistadas, foram construídas entremeando-as de modo que os depoimentos orais (as narrativas) de vida sobre o cotidiano escolar relacionaram-se fortemente às histórias de vida pessoal e social, isto é, às memórias das entrevistadas.

Na atualidade, a investigação realizada no campo dos cadernos escolares reconhece a importância destes nas ações do cotidiano de muitas pessoas - e também na formação delas durante toda a vida. A origem do caderno é remota. A palavra caderno vem *decodex*, termo latino que significa "registro, tábua de escrever". Eram chamados de códice tanto os livros nos quais se listavam as receitas e as despesas de uma família, por exemplo, como os volumes nos quais ficavam documentadas as leis elaboradas pelos imperadores romanos.

Observamos que os cadernos são instrumentos de controle do professor sobre a criança e dos pais sobre o trabalho do professor e do estudante, tendo os bilhetes como exemplo. Apesar disso, os cadernos pouco expressam sobre os dilemas e o contexto no qual tais registros são produzidos. Assim, se os cadernos forem analisados apartados do contexto de sua produção, ter-se-á uma visão, muitas vezes, negativa a respeito do desempenho de aluno iniciantes. Eles não servem apenas para registrar os conteúdos estudados em sala de aula. Guardam também a memória de um tempo em que crescer é um desafio em meio a tantas brincadeiras. O recado da paquera, o ensaio da poesia, um desenho inacabado, o telefone do amigo, as preocupações de uma época e até mesmo as marcas de correção de uma professora nunca esquecida. Assim são os cadernos escolares: um verdadeiro baú de memórias.

Descobrimos marcas da singularidade de cada um no uso desse artefato, o que permitiu refletir sobre seus possíveis significados. Observando os escritos, encontramos elementos do trabalho pedagógico efetivo com os conteúdos escolares, suas permanências e variações. Mesmo diante de toda riqueza da pluralidade, das manifestações de singularidade e das especificidades nos modos de trabalhar os conteúdos escolares, percebemos, também, manifestações dos valores e padrões sociais dominantes, como não poderia deixar de ser.

Segundo Mignot (2008), durante muito tempo os cadernos escolares foram vistos apenas como vestígios de um passado remoto, destinados ao lixo ou a uma gaveta esquecida dentro do armário. Sua obra, entretanto, vem desfazer esta imagem, mostrando que os cadernos escolares são importantes fontes de investigação histórica, objetos que nos revelam não só as marcas de escolarização ou as metodologias de ensino-aprendizagem de um tempo, mas também um pouco da história das disciplinas, da natureza das instituições de ensino e a sua relação com a política e cultura de diferentes épocas.

Desde sua origem, os cadernos estiveram associados ao controle nas instituições educacionais. O escolanovismo, que enfatizou e defendeu a utilização de cadernos escolares em larga escala, preconizava a padronização do conteúdo destes materiais, a fim de que o diretor da escola pudesse ter acesso, a partir de qualquer exemplar, àquilo que era realizado na sala de aula. Na escola em que se realizou esta pesquisa tal controle também se apresentava, ainda que de forma diversa.

Os cadernos são instrumentos didáticos presentes nas várias etapas da escolarização, desde a pré-escola até a pós-graduação. Certamente, em cada uma dessas etapas, difere a utilização que se faz desse material, assim como diferem as finalidades e os significados que os cadernos assumem para alunos e professores. Ainda assim, é evidente que é um instrumento didático bastante presente e que exerce influências no modo como se organizam ações e relações no contexto de ensino. Sendo os cadernos tão constantes e importantes, revela-se surpreendente o fato de haver, até o momento, poucos trabalhos dedicados a estudá-los.

Os cadernos escolares expressam a prática do singular que faz dos espaços públicos e privados um lugar de vida possível, permitem entrever o currículo das escolas, confirmando as possibilidades de sua utilização como fontes tanto para o estudo do currículo quanto para a história da educação. Os cadernos escolares, à medida que são utilizados nas escolas, tornam-se registros de parcela do cotidiano e das relações do

contexto de ensino. Porém, não são objetos neutros que unicamente registram aquilo que se passa. Também imprimem, ao cotidiano escolar, especificidades relativas ao seu uso. Inseridos desta forma no cotidiano de ensino, os cadernos fazem parte da cultura escolar, entendida como conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos. Vale lembrar que a aprendizagem é o desenvolvimento de um processo de criação de ganchos, nos quais se amarram as informações novas com as já conhecidas - e lembradas! E o caderno nada mais é do que um dos lugares mais eficientes para armazenar os dados necessários para que o conhecimento seja permanentemente construído.

Assim, utilizar os resultados da apreciação atenta das anotações do caderno de planejamento de uma das educadoras participantes da pesquisa é um passo significativo para a compreensão da cultura escolar no período investigado.

O trabalho consistiu na coleta e produção de fontes historiográficas sobre a memória da educação na região do vale do Mamanguape. Orientados pelo referencial da Nova História e História Cultural, efetivamos ações de restauração e conservação de arquivos e documentos, como também coleta de cadernos escolares de professores e alunos e materiais educacionais doados pelos professores. Fizemos uso dos pressupostos da História Oral para a gravação de áudio e áudio-visual de depoimentos, e como metodologia para a análise das falas dos sujeitos envolvidos.

Tentamos apresentar o caderno de planejamento como objeto privilegiado de investigação da cultura escolar e como um dispositivo que, em sua complexidade estratégica, estabelece e mantém práticas específicas e calculadas, produtoras de saberes e efeitos que estão ligados, diretamente, à constituição das subjetividades.

Entendemos cultura escolar conforme a define Dominique Julia (2001, p.10):

[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores.

Os cadernos de planejamento inserem-se nessa perspectiva na medida em que se constituem como fontes históricas emblemáticas e reveladoras da cultura escrita no período estudado, além de ajudar a entender o funcionamento escolar de uma maneira diferente daquela veiculada pelos textos oficiais ou discursos pedagógicos (CHARTIER, 2006).

Os cadernos de planejamento, vistos apenas na perspectiva da materialidade do registro, revelam elementos fundamentais da sala de aula e do processo de aprendizagem, mas não conseguem revelar os bastidores dessa produção, isto é, os inúmeros processos que compõem sua materialidade, verdadeiros desafios à escolarização plena.

Para auxiliar a análise do caderno de planejamento e das narrativas e das educadoras participantes da pesquisa realizamos diversas entrevistas. A entrevista é um recurso importante para fazer aparecer uma história oral e, conforme Thompson (1992:25):

Os historiadores orais podem escolher exatamente a quem entrevistar e a respeito do que perguntar. A entrevista propiciará, também, um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados.

Localizamos cadernos de planejamento das professoras, assim como cadernos escolares de estudantes, que permitem vislumbrar fragmentos da cultura escolar da época.

Em uma das entrevistas, a educadora M.B fala de sua história como uma educadora:

[...]nasci aqui em Mamanguape, nessa cidade centenária e tenho muito amor a minha terra natal, [...] aqui eu fui crescendo no começo da minha vida de estudante. Comecei a atuar na educação na escola, no Instituto Moderno, com pouco tempo fui para Pindobal ensinar na escola de alunos que eram crianças mal vistas pela sociedade por terem cometido pequenas infrações, os pais não ficavam com eles em casa, mas eles iam pra lá, permaneciam lá, moravam lá, jovens infratores, mas foram momentos muito bons, eu tive muito conhecimento com muitos deles, de infratores passaram a pessoas elegantes na sociedade, aceitos na sociedade [...].

O depoimento da professora revela o valor atribuído à educação, vista como condição fundamental para o resgate do cidadão.

Nas falas das educadoras percebemos a preocupação com a educação ofertada aos seus alunos, assim como o conhecimento sobre a importância de assumir a escola como responsabilidade social. É o que se revela no depoimento de I. V., a seguir:

[...] não se mata uma criança apenas no hospital com uma injeção letal, se mata o aluno na escola, dando diferença, prejudicando ele com um olhar, com outra coisa qualquer, com a indiferença, então a mensagem é essa, se não dá pra você amiga, parta para outra [...]

Na mesma linha, a educadora prossegue:

[...] eu acho que a educação é tudo [...], eu não entrei querendo muito, mas aprendi a amar minha profissão e hoje eu me sinto realizada, estou com trinta e três anos na educação, não estou atuando numa sala de aula, mas estou numa escola que conheço um pouco de cada dificuldade que tem, sendo que o tempo mudou e a gente muda também [...].

Seus depoimentos também revelam as dificuldades enfrentadas no início da vida de professora. I. V. comenta esse período:

Chegando aqui em Mamanguape tinha simplesmente o pedagógico e me ofereceram uma escola no Incra, e eu fui lá, era uma escola pequena, muito pobre, aluno tinha bicho nos pés, eu com a merendeira me juntava, e limpava essas crianças, dava banho, conseguia tirar os bichos [...].

As lembranças rememoradas do início da vida profissional revelam marcas significativas desse período. É o que nos revela I. V., a seguir:

[...] a gente aprendeu a dividir o que a gente tinha, muitas vezes a merenda que eu levava tinha que dividir para duas crianças [...] aprendi também a amar a cada uma [...].

Essas experiências e práticas inerentes à vida escolar direcionaram as educadoras, ao assumirem a docência, para a realização de modelos de ensino e práticas educativas marcadas pelo discurso do amor. I. V., a partir da percepção singular sobre o cotidiano da vida escolar e dos saberes vivenciados na escola, parece haver incorporado ao seu fazer pedagógico a compreensão do valor do amor na vida de seus alunos. A fala a seguir sinaliza o modo como a educadora se apropriou da realidade vivida, tomando-a como subsídio para a estruturação de práticas educativas na sua docência:

A mensagem que eu deixo para quem tá começando agora é que não pense só no dinheiro, por que o dinheiro é muito pouco, a gente devia ganhar mais e mais, pense um pouco no amor, se você não tem amor por aquelas crianças, se você não tem paciência, deixe para outra pessoa e vá para outra profissão, [...] se você não sabe lidar com a turma, ou você não gosta e chega em casa doente, sem paciência, saia, porque educação só se agüenta quem gosta, e fica se tiver amor[...].

Esse também parece ser o entendimento de M. J., desvelado na fala a seguir:

[...] se você deseja ensinar, vá mesmo de coração, se coloque no lugar deles (dos alunos) [...] pense se daquela maneira, se fosse você, se você aprenderia [...] e veja o que seria de melhor pra você [...] então, você faça de coração, com gosto, faça com carinho mesmo, que seja de gosto, se não for de gosto, nem de vontade, se for só pelo dinheiro, é melhor você nem entrar nessa.

Essas situações de ensino, presentes na memória, elucidam o tipo de apropriação que as educadoras realizaram para organizar as próprias práticas.

Além das práticas de ensino vinculadas às ideias relacionadas à educação e às experiências advindas do exercício da profissão docente, em seus depoimentos, percebemos que atuaram movidas, também, por sentimentos e afetos que possibilitam uma multiplicidade de tipos de ação educativa, formando a cultura profissional. Assim, pela prática pessoal e de ensino, desenvolveram certos habitus da profissão, validados na realização do trabalho docente. A articulação dessas práticas forma uma ética própria de trabalho. As falas a seguir, de I. V. e N. F., respectivamente, revelam esse posicionamento:

[...] aprendi a ver que cada criança tem um eu diferente [...] ainda hoje o dia que eu não vou para escola, é que estou doente, tenho um médico, eu me sinto um pouco culpada porque eu devia ir [...].

[...] muitos vinham para escola com a roupa que dormia, algumas vezes urinados, outros com fome e naquela função de professora tentava resolver [...].

Essa ética docente valorizava as boas relações com os alunos, pais, colegas, autoridades educacionais, se preocupava com as condições de vida dos estudantes, seu equilíbrio emocional e suas relações sociais.

Abaixo, seguem imagens de cadernos doados pelas educadoras:

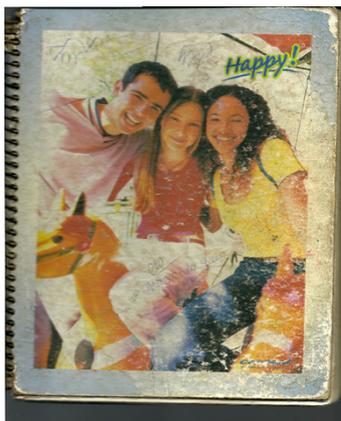


Imagem 1 – Capa do caderno
Arquivo da professora C. B.

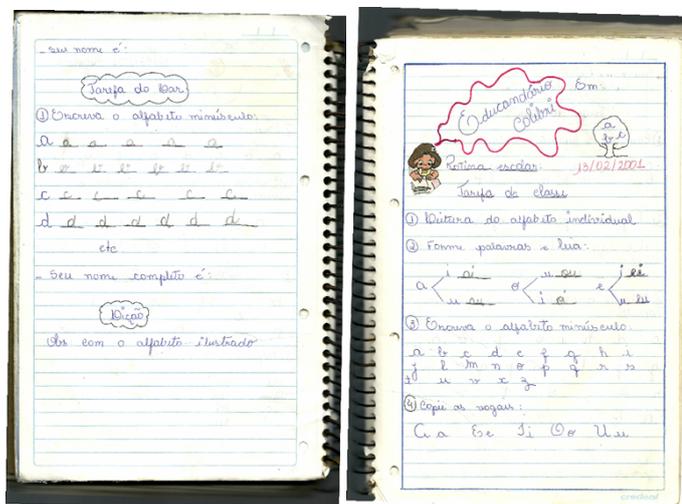


Imagem 2 – Caderno escolar
Arquivo da professora C. B.

O caderno de planejamento da professora C. B. tem a aparência de muitos anos de uso, porém a educadora assegura não reproduzi-lo, mas sim utilizá-lo como base para criar novas atividades. As páginas do caderno estão decoradas com colagens de desenhos infantis, ornamentadas com balões desenhados com lápis de cor.

A análise dos cadernos de planejamento sugere que a metodologia utilizada pela educadora aproxima-se de práticas pedagógicas relacionadas ao método tradicional de ensino.

Os trabalhos ou deveres incluem uma ampla variedade de modalidades escritas (cópias, ditados, resoluções de problemas, exercícios de completar frases ou palavras etc). Trata-se de interiorizar e dominar umas formas textuais determinadas, e não outras, uma ideia ou concepção do escrito, e não outra. A insistência na imitação, obediência,

repetição e controle, muito frequentes neste método, conduzem a competências que são puramente mecânicas e repetitivas.

A prática pedagógica da professora reflete o método que mais predomina nas escolas brasileiras, marcado pela centralização na figura do professor, visto como único sujeito responsável pela transmissão da cultura. Ao aluno cabe apenas armazenar o conhecimento transmitido. Na escola tradicional, o conhecimento possui um caráter cumulativo, que deve ser adquirido pelo indivíduo pela transmissão dos conhecimentos realizada pela instituição escolar.

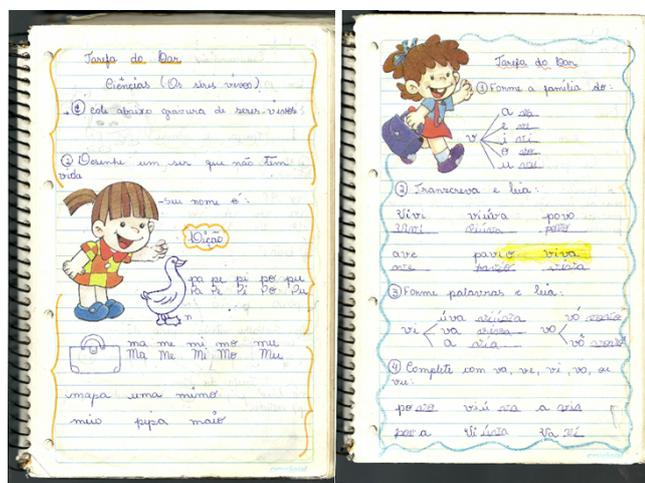


Imagem 3 – Caderno de planejamento
Arquivo da professora C.B.

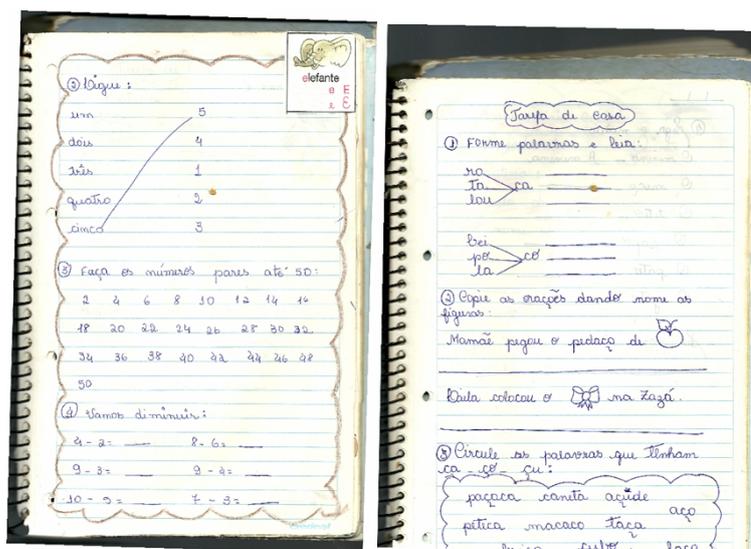


Imagem 4 – Caderno de planejamento
Arquivo da professora C.B.

Considerações finais:

As características do trabalho docente das educadoras participantes da pesquisa não foram apropriadas apenas na trajetória do curso de formação. Os saberes adquiridos na vida escolar, no exercício da própria docência, no contato com os alunos e a necessidade de enfrentar desafios, permitiram-lhes construir uma prática de ensino singular.

Nas várias histórias narradas, que se constroem de maneiras diversas, cada uma única em si, um componente semelhante, a compreensão da importância de se ensinar com prazer e amor.

O conjunto de saberes originados dos vários momentos da trajetória de vida das educadoras recebeu análises que, conseqüentemente, conduziram-nas a filtrar os saberes compatíveis com suas personalidades, formação docente, experiência profissional e ideais educativos, para objetivá-los no cotidiano escolar.

A análise do caderno de planejamento de uma das educadoras desvelou uma prática pedagógica baseada numa visão tradicional de ensino, na qual o professor é visto como um mero transmissor de conhecimentos e executor de técnicas, e o aluno como um receptor. O conhecimento é a verdade a ser absorvida e não está relacionado à vida do aluno e à realidade social que o cerca.

É possível inferir que essa vinculação metodológica decorria da situação real em que viviam: pouco aprofundamento teórico no campo da educação e certo grau de insegurança. Provavelmente, isto as levou a nortear suas práticas pelo modelo que conheciam, baseando-se na educação que tiveram de seus professores.

Sentimo-nos imensamente gratificadas pela rica experiência que vivenciamos em todo o projeto, ao percebermos que podemos contribuir para o reconhecimento, valorização e resgate das memórias de educadores e educadoras, que por longo período de tempo permaneceram esquecidos. Por meio desse projeto, percebemos que as professoras entrevistadas sentiram-se imensamente satisfeitas em contribuir com a história da educação do Vale do Mamanguape. Cada depoimento falou de experiências singulares no campo educacional, e juntamente com a análise do caderno de planejamento pudemos perceber como este é um dispositivo importante para a articulação de fontes históricas. Estes conhecimentos muito contribuíram para a nossa formação no curso de Pedagogia.

Referências:

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHARTIER, Anne Marie. **Os cadernos escolares: organizar os saberes, escrevendo-os**. Revista de Educação Pública, Cuiabá, v. 16, n.32, set-dez. 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

http://pensador.uol.com.br/poesias_para_professores/

JULIA, Dominique. **A cultura como objeto histórico**. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, n.1, 2001.

KOTRE, John. **Luvras Brancas: como criamos a nós mesmos através da memória**. São Paulo: Mandarin, 1977.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade social**. In: Estudos Históricos. Vol. 5, n. 10. Rio de Janeiro, 1992.

SCHWATZMAN, S., BOMEHY, H. M. B., COSTA, V. M.R. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1984. (Coleção Estudos Brasileiros, v. 81).

TANURE, L.M. **Contribuição para o estudo da scola normal no Brasil**. Pesquisa e Planejamento, São Paulo, v. 13, dez. 1970.

VILHENA, C. P. S. **Família, mulher e prole: a doutrina social da Igreja e a política social do estado novo**. São Paulo: Doret, FEUSP, 1988.

VIÑAO FRAGO, A. **Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones**. Revista Brasileira de Educação, n. 0, 1995.

Entrevistas:

C. B. - Entrevista realizada em sua casa, no município de Mamanguape, em Abril de 2012.

I. V. - Entrevista realizada em sua casa, no município de Mamanguape, em Abril de 2012.

N. F. - Entrevista realizada em sua casa, no município de Mamanguape, em maio de 2012.

M. J. - Entrevista realizada em sua casa, no município de Mamanguape, em maio de 2012.

I. V. - Entrevista realizada em sua casa, no município de Mamanguape, em maio de 2012.

M. B. - Entrevista realizada em sua casa, no município de Mamanguape, em maio de 2012.

Fontes utilizadas:

Caderno de planejamento da educadora C. B. – 3º ano do ensino fundamental – 2001.